

## OBSTÁCULOS NA ESCUTA DO SOFRIMENTO SOCIO-POLÍTICO NA DOCÊNCIA NEOLIBERAL.

### OBSTACLES IN LISTENING TO SOCIOPOLITICAL SUFFERING IN NEOLIBERAL TEACHING.

<sup>1</sup>MOURATO, Gabriel Beleze; <sup>2</sup>KOBORI, Eduardo Toshio

<sup>1e2</sup>Departamento de Psicologia – Centro Universitário das Faculdades  
Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

#### RESUMO

O presente artigo, por meio de uma revisão narrativa de literatura, tem como objetiva examinar o impacto do discurso neoliberal na docência e as dificuldades enfrentadas pelos professores da rede pública estadual para expressarem seu sofrimento psíquico. Para isso, utilizou-se como base epistemológica, artigos e obras próximas as teorias do Materialismo-Dialético, da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicanálise, com o objetivo de entender o trabalho como elemento essencial para o humano, as dinâmicas psíquicas nas realidades organizacionais e as bases inconscientes da formação de sintomas e patologias. Logo, a investigação revelou que as transformações recentes no ensino de São Paulo, despolitizam a educação e inserem-na na lógica de mercado, intensificando a pressão sobre os docentes. Essas mudanças ampliam a discrepância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, contribuindo para a exaustão física e emocional dos professores. Além disso, o neoliberalismo é descrito como um mecanismo discursivo que exige alta produtividade, competitividade e individualismo, utilizando de manobras linguísticas para alterar a subjetividade, de modo que, afeta os docentes pelo discurso do "empresário de si", os quais são levados a internalizar metas impossíveis, o que gera frustração e impede a elaboração adequada do sofrimento pela felicidade constante, apagando, da fórmula dialética, o sofrimento que precisa ser elaborado, ou seja, criando obstáculos para a sua escuta e resolução. Por fim, a pesquisa sublinha a importância de uma escuta que revele os sintomas psíquicos e sociais decorrentes da exploração neoliberal, permitindo uma intervenção eficaz na saúde mental dos docentes e podendo desempenhar um papel crucial na transformação desse sofrimento em uma possibilidade de enfrentamento e mudança.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; Sofrimento sócio-político; Discurso; Escuta; Docência.

#### ABSTRACT

This present article, through a narrative literature review, aims to examine the impact of neoliberal discourse on teaching and the difficulties faced by teachers in the state public school system to express their psychological suffering. For this purpose, were used, as an epistemological basis, articles and works close to the theories of Dialectical Materialism, Psychodynamics of Work and Psychoanalysis, with the aim of understanding work as an essential element for humans, the psychological dynamics in organizational realities and the unconscious bases of the formation of symptoms and pathologies. Therefore, the research revealed that recent transformations in the teaching of São Paulo depoliticize education and insert it into market logic, intensifying pressure on teachers. These changes widen the discrepancy between prescribed work and real work, contributing to teachers' physical and emotional exhaustion. Furthermore, neoliberalism is described as a discursive mechanism that demands high productivity, competitiveness and individualism, using linguistic maneuvers to alter subjectivity, so that it affects teachers through the discourse of the "entrepreneur of the self", who are led to internalize impossible goals, which generates frustration and prevents the adequate elaboration of suffering for constant happiness, erasing, from the dialectical formula, the suffering that needs to be elaborated, that is, creating obstacles for its listening and resolution. In the end, the research highlights the importance of listening to reveal the psychological and social symptoms resulting from neoliberal exploitation, allowing for effective intervention in teachers' mental health and playing a crucial role in transforming this suffering into a possibility for coping and changing.

**Keywords:** Neoliberalism; Socio-political Suffering; Discourse; Listening; Teaching.

## INTRODUÇÃO

É fato que a educação brasileira vem passando por profundas transformações em seus objetivos, modificando-se no que toca a seus modelos pedagógicos, maneiras de aplicar técnicas e conceitos sobre a organização. De acordo com Weinheimer e Wanderer (2021), nos últimos anos foi possível assistir à transposição de matérias clássicas e temas econômicos, introdução ao campo do trabalho e propostas de protagonismo, sinalizando um redirecionamento da educação para atender as demandas de mercado. Esse fenômeno é especialmente perceptível no Estado de São Paulo, no qual, desde 2021, se implantaram dois marcos que alteraram significativamente a concepção tradicional de escola tanto na grade curricular quanto na estrutura geral das organizações: o Novo Ensino Médio (NEM) e o Programa de Ensino Integral (PEI) (Weinheimer; Wanderer, 2021).

Embora essas mudanças sejam recentes, estudos como o de Ortega e Militão (2022), com base em modelos educacionais franceses, já apontam que os resultados tenderão a ser prejudiciais, argumentando sobre o investimento no fortalecimento uma educação voltada para a exploração dos futuros trabalhadores, despolitizando o ensino e inserindo-o na lógica de mercado (Ortega; Militão, 2022; Marrach, 1996). Nesse sentido, Darcy Ribeiro, ao apontar que a crise da educação brasileira como um projeto, anteviu que o real problema é a lógica intrínseca ao sistema que orienta essas transformações. A isto, chama-se neoliberalismo (Antunes, 1995).

Isto posto, vale destacar que poucos estudos se preocupam em discutir quais efeitos tais mudanças podem ocasionar nos trabalhadores da rede pública estadual, haja vista esta lógica discursiva afeta todos no campo do ensino, principalmente para o lado da equação que já sofre pelas transformações do capital: o professor (Laval, 2019). De acordo com Antunes (2009), o neoliberalismo, para além de influenciar o modo como a economia é guiada, marca o trabalho contemporâneo pela intensificação da produção multifuncional e pela espoliação do trabalho intelectual, ou seja, para além do mecanismo comum do capitalismo clássico de exploração, agora produz-se um mecanismo linguístico, uma retórica paradoxal da produtividade do empresário de si, impactando o trabalhador em sua organização pessoal e relação com sua imagem, ao passo que é obrigado a buscar constantemente melhores resultados, cumprir metas altas e manter-se estavelmente feliz com sua atividade, demandando muito mais do que lhe era comum. Nessa sociedade a felicidade é imperativa, e a tristeza é vista como patologia (Kehl, 2009).

Deste modo, como a organização precisa de trabalhadores produtivos, e a exploração gera sofrimentos psíquicos e esgotamento, mesmo sofrendo, revelar este sofrer já não é mais possível, o que, para Dejours (2014) fundamenta a criação de transtornos psíquicos. Nessa senda, percebe-se que a grande formação psicopatologias atuais no trabalho está ligada, para além da exploração neoliberal, a um problema de subjetividade precarizada pela falta de circulação de palavra, do empobrecimento gramatical e da repressão dos significantes dos sofrimentos dos professores (Dejours, 2014).

Assim, por conta de ensinar utilizar da comunicação para a efetivação de seu trabalho, mesmo incompleta (Freud, 2018), o mecanismo discursivo neoliberal ganha maior força de incidência sobre aquele que o recebe como verdade e aquele que o reproduz. Quer dizer, forçados a se submeterem às exigências do mercado educacional, os professores são impactados com enunciados sociais que alteram o modo que se fazem no mundo, ao passo que alteram também seus alunos. Assim, sofrem pela lógica produtivista dentro das PEI'S, que resulta em desgaste mental, emocional e físico, porém, imersos como estão em um sistema que não apenas molda suas práticas, mas explora sua subjetividade, estão impossibilitados de escutar seus próprios sofrimentos (Mendes; Araújo, 2012).

Com isso, neste estudo objetiva-se entender como os enunciados discursivos do neoliberalismo causam maior sofrimento docente por meio da não possibilidade de descarregar suas emoções na não nomeação de seu sofrimento (Dejours, 2004) e, assim, a necessidade de revelar a importância e os obstáculos da escuta do sofrimento sócio-político, correlacionado ao modo de produção vigente e o contexto do sofrer, pode, de modo a evocar sentido, possibilitar que faça aparecer aquilo que é retirado do sujeito, aquilo que é espoliado de si na não nomeação: o sentido do trabalho (Dejours, 2015).

## **METODOLOGIA**

Esse artigo é um desdobramento do projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão (NuPE) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este projeto maior se propõe ao desenvolvimento de uma pesquisa exploratória qualitativa em campo, conforme preconizam Marconi e Lakatos (2017), a qual busca identificar as possíveis formas de manifestação do sofrimento

psíquico dos professores docentes, para além do psicodiagnóstico e analisar como os discursos neoliberais atravessam o modo de subjetivação destes sujeitos, intitulada: “*O sofrimento não dito pelo giz: o sofrimento psíquico na docência da rede pública estadual na contemporaneidade*”.

No entanto, os métodos empregados para este atual desdobramento investigativo foram pautados apenas na revisão narrativa de literatura que, segundo Hohendorff (2014), trata-se de um método que busca integrar, avaliar e organizar obras literárias, pois se baseia na análise de literaturas previamente publicadas com o objetivo de esclarecer um problema específico em estudo, oferecendo subsídios para uma reflexão crítica e bem fundamentada. Para o presente caso, esta escolha específica aparece como forma de auxiliar na descrição e compreensão do fenômeno do sofrimento psíquico docente influenciado pela espoliação no trabalho neoliberal dentro das escolas, buscando reafirmar a necessidade da escuta e intervenção para os sofrentes. Acerca da fundamentação, utilizou-se literaturas de obras já recolhidas na etapa de revisão narrativa do projeto, dentre outras consideradas relevantes para o embasamento teórico, as quais também foram incluídas. Os trabalhos foram consultados em plataformas eletrônicas como *SciELO*, *PePSIC* e *Google Acadêmico*, pela interpolação entre os descritores: “sofrimento psíquico”; “mal-estar”; “trabalho”, “professores”, “docência”, “neoliberalismo”, entre outros.

No que tange ao escopo epistemológico da pesquisa, o qual guia a utilização das obras coletadas e a leitura dos materiais bibliográficos, recorreu-se preferencialmente à autores próximos de três teorias distintas, são elas: o *Materialismo-Dialético* para entender a importância do trabalho para o humano; a *Psicodinâmica do Trabalho*, buscando compreender a dinâmica psíquica nas realidades organizacionais; e por fim, a *Psicanálise*, para entender as bases inconscientes da formação de sintomas e patologias na psicodinâmica, enfatizando sua capacidade de conversação com as demais áreas (Hornstein, 2013), haja vista que, embora a leitura do objeto de pesquisa seja no campo do trabalho,

não se pode simplesmente dissociar a Psicanálise em área clínica da área não clínica pois, o objeto de estudo da Psicanálise não é apenas a psicopatologia. A psicanálise pode revelar e investigar outros aspectos do que concerne ao humano. Portanto, dentro ou fora do consultório deve-se fazer um movimento convergente no sentido de complementar a Psicanálise como ciência (Kobori, 2013, p. 80).

Portanto, apesar de buscar compreender estas teorias em suas possibilidades e considerar suas diferenças em seus conceitos básicos, a utilização destes campos na base epistemológica visa formar um alicerce fundamental para a abordagem crítica na contemporaneidade da saúde mental do trabalhador, e, principalmente, para entender como os aspectos comum do social pode influir em sujeitos singulares, cooperando entre si pela visão da mudança sócio-política e influência na subjetivação do sujeito.

### **DESENVOLVIMENTO**

Quando se fala em professorado, por muitas vezes, deixa-se de lado a categoria de análise “trabalho” em seu escopo do processo de ensinar. Esta pode ser entendida como o processo dialético com o mundo que faz a passagem do que é imaginado para o que é material, utilizando-se de um instrumento para intermediar o sujeito com o ambiente (Marx, 2010). Tal passagem expressa um ponto central na construção de subjetividade e relação com o reconhecimento de si, haja vista que, por meio da interligação do saber com a produção, o sujeito se exterioriza e interioriza a cultura, ao passo que modifica a realidade (Marx, 2010). Igualmente, para a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho

é um elemento central na construção da saúde e identidade dos indivíduos e que sua influência transcende o tempo da jornada de trabalho propriamente dita e se estende para toda a vida familiar e tempo do não-trabalho (Heloani e Lancman, 2004, p. 82).

Assim, a atividade exercida dentro da profissão influencia o modo que os sujeitos se entendem em sua realidade e o modo como vão lidar consigo mesmo. Desta forma, “trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e real” (Dejours, 2004, p. 28), é, na medida em que se inscreve no campo simbólico, para o professor transformar o imaginário de educar em materialidade no ensino.

Todavia, considerando que, para Lacan (2003), pode-se pensar o sujeito - neste caso, o trabalhador docente -, como o sujeito criado a partir dos significantes, ou melhor, neste sujeito como efeito dos laços sociais no trabalhar, das inscrições sociais, dos percursos dialéticos que tivera ao longo de sua história, entende-se que, de acordo com a psicanálise, a realidade não existe de forma independente do discurso, ela é construída a partir dos discursos próprios de cada época (Lacan,

1992). Isso influencia tanto a estrutura social quanto a formação subjetiva dos docentes, em outras palavras, os professores são afetados pelas narrativas que permeiam a organização da sociedade no contexto histórico em que vivem, as quais atualmente, são marcadas pelo discurso neoliberal (Lacan, 1992; Dardot; Laval, 2016).

De acordo com autores marxistas, como Antunes (2009), por ser uma roupagem do capitalismo este modelo quebra com este pressuposto ontológico e pulsional do trabalho, apenas avivando a tensão de retirar o trabalhador do objeto, o que preconiza uma série de modificações pela promoção da lógica performativa e de maximização da eficiência para que, agora, a exploração possa ser realizada sem ser vista, por meio do que é imaterial: a linguagem. A isto, Antunes (2009) chama de envolvimento manipulatório do explorado.

Ainda segundo este autor, o neoliberalismo, como então mecanismo discursivo, introduz na sociabilidade a ideia de que todos os sujeitos são iguais, que demandam das mesmas condições e situações para alçarem o que apontam como ideal (Antunes, 2009; Dardot; Laval, 2016). Assim, entende-se que, ao universalizar um modelo de sujeito, deposita toda sua realização sobre o acúmulo de capital e o gozo máximo da liberdade falsa que cria nos discursos, com certas exigências enunciativas para sua existência e manutenção, as quais devem ser vistas para entender como escutar o sofrimento causado (Dardot; Laval, 2016).

Nessa senda, a sua primeira enunciação é a constante performatividade excessiva, a qual aparece pela imposição de metas inalcançáveis, carga horárias altíssimas e alta especialização em comparação sobre aquilo que é possível ao ato humano dentro das escolas por meio das PEI's e o NEM (Junior et al., 2024; Antunes, 2009). O que se tem aqui é a introdução do inverso do que o ato de ensinar comporta, apenas aumentando a discrepância entre o trabalho real e o previsto no imaginário que Dejours (2004) explicara. Logo, conforme este autor, esta diferença quando intensificada, causa um aumento da carga psíquica negativa (Dejours, 2015) a qual neste caso, é cada vez maior à medida que não é possível alcançar o objetivo imposto (Junior *et al.*, 2024). Em outras palavras, o sujeito é impedido de realizar sua descarga pulsional em suas atividades laborais, pois perde o contato com a concretização efetiva de seu trabalho docente.

Por conseguinte, segundo a teoria dejouriana, à medida que o sofrimento no trabalho se intensifica, seria previsível o surgimento de estratégias defensivas

coletivas entre os docentes, possibilitando a elaboração desse sofrimento de natureza organizacional (Dejours; Abdouchel; Jayet, 2014). Todavia, este fato não pode ser visto com toda certeza, ainda mais quando se percebe a alta incidência e índices de atestados psiquiátricos e pedidos de readaptações no ano de 2023 por transtornos mentais ou crises emocionais dos professores, contando com 32% (Avellar; Fisher, 2023). Logo, o que impediria o professor, mesmo com a carga psíquica negativa subindo, não conseguir elaborar tais sintomas?

Em resposta, obtém-se mais um dos enunciados do trabalho neoliberal: o individualismo. Visto que a performatividade pressupõe que cada elemento da organização precise ser o melhor possível, criando competitividade e exclusão (Antunes; Praun, 2015), a docência, a qual era considerada uma classe unida que objetivava o mesmo - transmitir cultura -, muda completamente. Agora encontram-se profissionais individuais que precisam ser os melhores reprodutores de conteúdo para garantir que seus alunos tirem notas melhores do que os outros (Laval, 2019). Evidenciando que tais mecanismos de defesa coletivas que Dejours (2004) havia indicado não conseguem se sustentar mais pela falta de identidade de coletivos, deste modo, permitindo fundamentação contra a elaboração do sofrimento e fazendo sua manutenção (Dejours; Abdouchel; Jayet, 2014; Dejours; Gernet, 2011).

Destarte, percebe-se que a performatividade e individualidade se tornam elementos que entram no lugar do não-dito à prática, impossibilitando o docente de entrar em contato com seu sofrimento, mas não deixando de sofrer. Isto é, a diferença entre o previsto e o real resultam, segundo Dejours (2015), no que deveria ser a não significação, a qual sempre aparece entre as relações, nas falas nos modos de existir dentro das organizações, pelo escape do simbólico por partes do sujeito, o que causaria frustração, mas poderia ser elaborado se o trabalhador entrar em contato. Quando isto não ocorre, o que acontece é algo parecido com o que Lacan (2005) chama de Real do trabalho, o qual diz da parte psíquica que não se mede, não se expressa e não aparece, por isto assombra, pois “o que não é nomeado não existe na ‘realidade’ humana, mas isso não o impede de produzir efeitos: sintomas, alucinações, insatisfações” (Bastos, 2009, p. 106).

Dessa forma, embora o não-dito seja o objeto de escuta do analista, procurando evidenciar aquilo que causa as patologias e sofrimento (Bastos, 2009), os enunciados discursivos neoliberais achavam um intermédio para afasta-lo, por meio do silenciamento do sofrimento, mal-estar, ocupando de forma arbitrária os dizeres

cotidianos dos docentes para que esconda o sofrimento em busca de um culto a felicidade constante (Kehl, 2009), tal qual uma tentativa constante de alcançar uma demanda alheia de sua auto superação e autogestão, sem a possibilidade de encontrar-se triste, vide a necessidade de produção (Dardot; Laval, 2016). Nessa senda, evidencia-os como obstáculos para a escuta do sofrimento, de forma que fica mais complexo ainda buscar ouvir aquilo que não é dito, pois agora está escondido por trás de fantasias. De acordo com Safatle, Silva Junior e Dunker (2020, p. 10) é aqui que a

[...] noção de "gestor" do sofrimento psíquico ganha importância em dois sentidos, a saber, como aquele que gera e aquele que gerencia. Pois o sofrimento psíquico é não apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo. Por isso, cabe compreender o neoliberalismo como uma forma de vida nos campos do trabalho, da linguagem e do desejo. Como tal, ele compreende uma gramática de reconhecimento e uma política para o sofrimento

Portanto, depreende-se que o discurso neoliberal se alimenta da discrepância que cria, se colocando neste intermédio como uma fantasia retroalimentativa, que impede que o não-dito apareça, materializando-se em enunciados significantes do: é só tentar, fazendo, assim, "o sujeito se transformar numa máscara, para exterioridade, para a exibição fascinante e para captura do outro" (Birman, 2023, p. 202).

Diante disso, o que se vê é uma continuidade confusa sobre onde se limita o Eu e o Outro, ocasionando em um "apagamento de fronteiras, entre o dentro de si e o fora de si" (Birman, 2023, p. 203). Logo, reafirma-se que a passagem discursiva, mas também induz a ideia de que o sujeito deve reter estes enunciados como forma de identificar com o ideal criado pelo modelo, haja vista que esse discurso promove uma ilusão de completude e demonstra o modo como o sujeito encontra-se fixado ao objeto ideário de prazer, de que prazer já não tem mais nada (Birman, 2023).

Isto pode ser visto no trabalho docente quando, utilizando do conceito psicanalítico de introjeção - a identificação com uma característica de um objeto ao Eu -, o argumento do empresário de si adentra ao campo singular do sujeito, introjetando características da empresa e empresário, os quais são afortunados, bem-sucedidos, estabilizados, aparentemente felizes e promissores em suas atividades, fazendo a identidade essencial do professor se perder em um paradoxal argumento: guiado a mudar a mundo, torna-se mecanismo para a reprodução de aparelhos ideológicos (Althusser, 2023), no entanto é limitado a ser um apoiador deste discurso



e incapaz de efetivá-lo, por conta da discrepância entre o real e o previsto (Dejours, 2015).

Assim, é neste sacrifício que o Eu faz pelo seu trabalho que a carga psíquica negativa resultante aumenta ainda mais e seu não-dito desaparece, ou melhor, recalca, para dar entrada ao discurso do Outro. Isto é, enquanto o trabalhador perde sua criatividade (Dejours, 2004) pela alienação capitalista de seu desejo no desejo do Outro, perde também seu bem-estar mental, precisando se reorganizar agenciando as tarefas possíveis, tanto para atender às necessidades que são impostas quanto tentar atender seus desejos (Dejours, 2015).

Nesse sentido, diferente do que poder-se-ia pensar em uma análise restrita ao sofrimento individual de cada professor, vê-se que a expressão da impossibilidade, tal qual o sentimento de não pertença a realidade (Freud, 2010), se exprime como resultado de um atravessamento social na psique singular dos sujeitos. Ou melhor, emprestando um conceito de Rosa (2016), o qual refere-se ao sofrimento causado pelas consequências do discurso hegemônico, o sofrimento psíquico aqui é um sofrimento primeiro sócio-político, ao passo que, o discurso neoliberal é em si a autoridade e cria, em cada um, autoridades soberanas de si (Dardot; Laval, 2016).

Logo, estes dispositivos controladores do trabalho, resultam na promoção de individualização e o isolamento no trabalho em todos os sujeitos, mas enfraquecem os laços e objetivando o controle da subjetividade dos trabalhadores por meio da linguagem de modos diferentes (Dejours; Gernet, 2011; Antunes; Praun, 2015). É deste modo que este modelo cria obstáculos complexos para o trabalho do analista, e difíceis de serem solucionados por meio da simples suscitação do não-dito, vide que propicia despersonalização, fragiliza os seus recursos protetivos e desencadeia o seu adoecimento mental e/ou psicossomático por uma espoliação de seu desejo e de seu gozo (Mendes; Araújo, 2012).

Por fim, é nesse sentido que, se o neoliberalismo muda o discurso e impossibilita sua fala, conclui-se que: “[...] que todo sintoma é propriamente social - mesmo sendo em si uma resistência a esse social; está inscrito num tempo e numa história e se apresenta sempre à espera de alguém que o induza a ser falado” (Pereira, 2017, p. 11). Portanto, para abordar adequadamente o sofrimento sócio-político no trabalho, é essencial desenvolver uma escuta que considere as condições sócio-históricas da demanda. Essa escuta, seja ela psicanalítica ou materialista, deve buscar reintegrar os indivíduos em suas realidades materiais e nos processos de

satisfação pelo trabalho. Assim, a proposta aqui indicada, feita pelo projeto de pesquisa que abrange este artigo, é uma escuta psicanalítica específica, que, ao entrar em contato com o sofrimento individual, revele os sintomas discursivos neoliberais ocultos nos discursos dos sujeitos. Isso permite iluminar esses conflitos e, assim, intensificar o sofrimento para trabalhá-lo profundamente, ou melhor, para transformá-lo, enfrentando os conflitos internos e externos que causam angústia.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, conclui-se que o sofrimento psíquico do docente na atualidade pode ser entendido como uma manifestação complexa e de difícil acesso de uma crise individual do sujeito frente a uma crise social, a qual vem atrapalhando a elaboração de sentidos sobre as vivências (Santos, 2021) e incidindo na mudança e configuração dos laços sociais. O neoliberalismo no campo do trabalho e no campo educacional trabalha com o discurso, com os sentidos que podem ser alterados nos enunciados cotidianos dos sujeitos, e assim, em suas subjetividades (Dardot; Laval, 2016). Desse modo, em sua confusão gramatical, é preciso, apesar de todos os obstáculos supracitados – performatividade, discrepância entre o trabalho real e o previsto, silenciamento do não-dito, individualismo, entre outros – dar voz a este sofrer singular, a fim de abrigar na escuta psicanalítica da uma dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico, indo na contramão do discurso patologizante, psicologizante e medicalizador dos processos educacionais (Rosa, 2016).

Ou melhor dizendo, é preciso alcançar uma escuta deste Real — psicanalítico ou materialista — calcada nas condições sócio-históricas da demanda. Uma análise, seja ela qual for, pretenda reinserir os sujeitos em suas materialidades e seus processos de prazer pelo trabalho. Inclusive, tal qual proposto aqui, esta escuta é uma escuta específica, uma escuta psicanalítica que, por meio do contato com o sofrimento singular, faça emergir do local recalçado, do local escondido que é posto o não-dito, os sintomas neoliberais nos sujeitos, de modo a dar luz a este conflito, e, assim, radicalizar o sofrimento para perlaborá-lo, ou melhor, para revolucioná-lo, a fim de confrontar, internamente ou externamente, os conflitos angustiantes.

Assim, entende-se que a preocupação fundamental como horizonte da pesquisa e da intervenção deve ser o sujeito que sofre por um estado neoliberal gestor de seu sofrimento psíquico, impossibilitando-o de entrar em contato com o Eu, seu desejo e sua dor. Também se pensa em dar a possibilidade de nomear aquilo que o

sujeito não enunciou, isto é, uma passagem simbólica do significante, a fim de inverter a lógica exploratória neoliberal do empobrecimento gramatical do sujeito consigo — o silenciamento o não-dito — , “de modo a visar ao avesso dos mecanismos de individualização, criminalização e patologização por eles produzidos” (Rosa, 2012, p. 31).

Vale destacar que este estudo, como desdobramento de um projeto maior, não tem a pretensão de esgotar o tema acerca do mal-estar na rede pública estadual, mas sim, sublinhar alguns elementos que nos auxiliem na complexa tarefa de entender o que podemos fazer sobre, e por, este sofrimento. Conforme diz Traldi et al. (2024, p. 245): “a lógica neoliberal se presentifica nas demandas institucionais inesgotáveis que se articulam e colocam em funcionamento discursos de dominação que objetificam discentes e docentes”, diante disto, nossa função é entendê-la como gestora discursiva de sofrimento, e assim, intervir onde ele está. Isto é, o que se quer dizer por meio deste braço da pesquisa é que, se “o sintoma quer falar” (Pereira, 2017, p. 11), como psicanalistas no campo do trabalho, em uma realidade silenciadora, a nós, devemos deixá-lo falar.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, v.1, n. 123, pp. 407-427, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/cbc3JDzDvxTqK6SDTQzJJLP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 14 set. 2024.

AVELLAR, E. T.; FISHER, F. M. Agravos à saúde dos Professores no olhar de uma médica do trabalho. In: C. F. Lima, C. O. Reimberg, J. P. Silva, R. L. Lorenzi. (Orgs.). **Seminários: trabalho e saúde dos professores: precarização adoecimento e caminhos a mudança**. Brasília: Fundacentro, 2023.

BASTOS, E. A. M. O que fazemos quando fazemos psicologia do trabalho? **Psicólogo informação**, v. 13, n. 13, p. 99-125, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v13n13/v13n13a07.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023

DARDOT, P., & LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, C. **A loucura no trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Production**, v. 14, n. 3, p. 27–34, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 14 set. 2024.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho, contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Obras Completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Freud, S. **Obras Completas, volume 18**: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, v. 14, n.3, p.77-86, 2004

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

HORNSTEIN, L. **Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: subjetividade y vida cotidiana**. Cidade do México: Fondo de Cultuta Economica, 2013.

JUNIOR, D. P. B. et al. Experiências de escuta do mal-estar e do sofrimento docente frente à racionalidade neoliberal: construindo políticas de cuidado e de resistência. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 31, p. 60-77, 2024. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/14575>. Acesso em: 15 set. 2024.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOBORI, E. T. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 2, n. 12, p. 73-81, 2013. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442013000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 14 set. 2024.

LACAN, J. A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

LACAN, J. **O seminário 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. In: GUIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). **Infância, Educação e Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENDES A. M.; ARAUJO, L. K. R. **Clínica psicodinâmica do trabalho: O sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012

ORTEGA, D. V.; MILITÃO, S. C. N. O ideário neoliberal na educação: da BNCC ao Novo Ensino Médio. **Educação em foco**, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36334>. Acesso em: 15 set. 2024.

PEREIRA, M. R. Psicanálise, educação e sintoma: uma introdução. In: PEREIRA, M. R. (Org.). **Os sintomas na educação hoje: que fazemos com "isso"?** Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

ROSA, M. D. **A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp. 2016.

ROSA, M. D. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 41-42, p. 29-40, 2012. Disponível em: <http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista41.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, B. N. **O Sofrimento Psíquico Do Discente Universitário: Uma Análise Crítica**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal De Goiás, Faculdade De Educação (Fe), Programa De Pós-Graduação Em Psicologia. Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/530cd4f5-28ed-47c3-8313-ce201e9bbf5e>. Acesso em: 14 set. 2024.

TRALDI, B. A. G. et al. Mal-estar docente na universidade em tempos neoliberais: uma discussão psicanalítica e interseccional . **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. I.], n. 31, p. 233-249, 2024. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/14577>. Acesso em: 14 set. 2024.

WEINHEIMER, G.; WANDERER, F. O (novo) ensino médio na visão dos alunos: rastros da racionalidade neoliberal. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 517-535, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9086>. Acesso em: 14 set. 2024.